

## **TERRITÓRIOS DE MEMÓRIAS E DE IDENTIDADES: FESTA DE NOSSA SENHORA DA ABADIA EM JATAÍ-GO**

Marlene Flauzina **Oliveira**<sup>1</sup>, Jones Dari **Goettert**<sup>2</sup>

(1 - Universidade Federal da Grande Dourados. Programa de Pós-graduação em Geografia. Doutora em Geografia. mflauzina@hotmail.com, <https://orcid.org/0000-0001-9471-0430>. 2 - Universidade Federal da Grande Dourados, Docente do curso de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia, jonesdari@ufgd.edu.br, <https://orcid.org/0000-0002-8571-279X>)

**Resumo:** A comunidade festiva configura a “Região da Onça” em Jataí-GO, constitui o território simbólico para reafirmar um fato religioso comum a todos – a festa a Nossa Senhora da Abadia. Neste contexto, o objetivo desse trabalho é compreender o lugar a partir do sujeito enquanto memória, ou seja, o lugar das memórias para entender as identidades e o território festivo e suas territorialidades. Destarte aborda-se como os territórios das memórias e identidades são formados e desenvolvidos, a partir das experiências festivas relacionados com as experiências cotidianas, “solidificando-se” por meio da cultura material e imaterial durante a festa de Nossa Senhora da Abadia. O estudo adotou métodos como a descrição, a observação da vivência *in loco*, da pesquisa com as memórias vivas, por meio de questionários semiestruturados. Percebe-se que ao desenvolver as memórias estas se reconstroem e se reestabelecem, e as identidades territoriais, sociais e religiosas, vão se constituindo e se reforçando, paralelo as realizações dos eventos, de forma que cada qual são (re)estruturadas, de acordo com os interesses do grupo. Assim os sujeitos participam daquilo que é pertencente, e eles se sentem mais do lugar, por meio dos valores religiosos e de suas vivências.

**Palavras-chave:** festa, territorialidade, experiências.

## **TERRITORIES OF MEMORIES AND IDENTITIES: NOSSA SENHORA DA ABADIA’S FEST IN JATAÍ-GO**

**Abstract:** The festive’s community sets up the Onça’s Region in Jataí-GO, by constituting a symbolic territory to reassure a religious fact common to all - Nossa Senhora da Abadia’s

Fest. In this context, the objective is to understand the area from the subject as memory, that is, the memories' local to understand the identities, its territory and territorialities. This article discusses how memories and identities' are formed and developed from the festive experiences related to everyday experiences, "solidifying" themselves through material and imaterial culture during the Nossa Senhora da Abadia's Fest. The study adopted methods such as description, observation of living experience, research with living memories through semi-structured questionnaires. Realize if that as memories develop, they are reconstructed and reestablished, and territorial, social and religious identities are constituted and reinforced, parallel to the achievements of the events, so that each one is (re)structured, according to with the interests of the group. Thus, the subjects participate in what they belong to, and they feel more in place through religious values and their experiences.

**Key words:** Fest, territoriality, experiences.

### **TERRITORIOS DE MEMÓRIAS Y DE IDENTIDADES: FIESTA DE NUESTRA SEÑORA DE ABADIA EN JATAÍ-GO**

**Resumen:** La comunidad festiva configura la "Región de la Onça" en Jataí-GO, al constituir el territorio simbólico para reafirmar un hecho religioso común a todos – la fiesta de Nuestra Señora de Abadia. En este contexto, el objetivo de este trabajo es entender el lugar a partir del sujeto como memoria, o sea, el lugar de las memorias para entender el territorio, sus territorialidades e identidades. Este artículo aborda cómo los territorios de las memorias e identidades son formados y desarrollados, a partir de las experiencias festivas relacionados con las experiencias cotidianas, "solidificándose" por medio de la cultura materia e inmaterial durante la fiesta de Nuestra Señora de Abadia. El estudio adoptó métodos como la descripción, la observación de la experiencia de vida, la investigación con recuerdos vivos a través de cuestionarios semiestructurados. Se puede ver que a medida que se desarrollan las memorias se reconstruyen y se reestablecen, y las identidades territoriales, sociales y religiosas, se constituyen y aferrándose, en paralelo a las realizaciones de los eventos, de forma que cada cual son (re)estructuradas, según los intereses del grupo. Así siendo los sujetos participan de aquello a lo cual pertenece, y siéntense más del lugar, por medio de los valores religiosos y de sus vivencias.

**Palabras-llave:** fiesta, territorialidad, experiencias.

## **Introdução**

Neste trabalho buscamos compreender como os territórios das memórias e identidades são formados e desenvolvidos por meio das práticas sociais, articulando “memória individual” com “memória coletiva” (Halbwachs, 2006), com experiências festivas e também com experiências cotidianas, “solidificando-se” por meio da cultura material e imaterial. Tais territórios se estruturam por meio das relações sociais e com as trocas de saberes e fazeres locais entre os participantes da festa de Nossa Senhora da Abadia, desenvolvendo um evento tradicional em comemoração à Santa. Neste processo, procuramos entender o lugar a partir do sujeito enquanto memória, ou seja, o lugar das memórias para entender o território, suas territorialidades e identidades.

Dessa forma a memória e a identidade transformam-se em representações sociais de uma cultura imaterial do município, ressignifica a cultura local e reforça o sentido da compreensão das práticas do passado inseridas no presente. A festa em homenagem a Santa, é um momento da transmissão da tradição, por meio das identidades e memórias individuais e coletivas, assim os saberes e fazeres são realizados e repassados por meio das experiências compartilhadas. E isso reforça a festa enquanto um momento de avigorar a fé, as práticas e relações sociais.

Para a produção deste trabalho realizou-se trabalhos a campo, com interesse em observar e conhecer a territorialidade festiva, em quanto essa se produzia por meio das experiências e vivências de seus fazedores. Assim foram feitos muitos registros escritos e fotográficos, pesquisas com as memórias vivas, ou seja, entrevistas com os sujeitos fazedores da festa, e estas eram gravadas, para posteriormente serem analisadas e transcritas. Foram realizadas leituras para o embasamento teórico, e para auxiliar na compreensão do território *do outro*, em algumas bibliografias acerca do tema: para o território e identidades, Cruz (2007), Penna (1992), Haesbaert (1999, 2001, 2007, 2008), Bonnemaison (2002), Silva (2009); e para a compreensão das memórias por Halbwachs (2006) e Pollak (1992); Brandão (2004), entre outros.

## **Memória - construção de uma identidade cultural**

Como a memória e identidade são abordadas neste, para compreender o sentido da festa enquanto um momento de vivências envolvidas pelos variados sentimentos daqueles que

a produzem, faremos um breve relato da história que leva os devotos da padroeira a creem em seu milagre, que por ora foi concebido na região.

A literatura traz relatos históricos sobre os contatos intensos dos povos indígenas com os não-índios no século XIX, período do avanço das embrionárias atividades pecuarista e agrícolas na região do sudoeste goiano, onde se localiza Jataí. O avanço da “frente pioneira” comandada pelos fazendeiros, ocupavam o território como se este não fosse de “ninguém” considerado como um “vazio”.

Perante a situação os indígenas “encontraram na força dos ataques violentos a única maneira de se opor à perda de seu ancestral território” (PINTO JUNIOR, 2015, p. 55). É neste mesmo contexto histórico conflituoso de expropriação e apropriação territorial, que aconteceu um fato narrado pelos moradores da “Região da Onça<sup>1</sup>” e igualmente por França (1995), em seu romance histórico. Relatam que neste período de conflitos entre os índios e não-índios, um grupo de indígenas assassinaram vários membros de uma mesma família, ficando vivos uma empregada que ficou ferida, e o patriarca que no momento estava trabalhando na roça.

Diante desse fato e de outros conflitos uma moradora da região, a Ana Furtado de Mendonça, fez uma promessa à Nossa Senhora da Abadia: que se a Santa afugentasse os índios daquela região, ela iria rezar um terço e fazer uma janta em sua homenagem no seu dia que é 15 de agosto.

Segundo os moradores, os índios que viviam na região depois da promessa, ficaram “mansos”, e nunca mais houve conflitos entre eles e os não-índios. A partir desse momento inicia-se a devoção à Santa e a obrigação de cumprir com o voto.

Com o tempo a reza do terço e o jantar, foi se estruturando social e materialmente, se tornando um símbolo da cultura imaterial no espaço rural, do município. É uma festa tradicional e acontece há aproximadamente 130 anos<sup>2</sup>. No seu tempo ela se realiza por meio de suas práticas sociais, envolvidas pela religiosidade e por momentos profanos. Ela promove o encontro e o reencontro dos sujeitos durante a realização de seus eventos: a saída da folia para o giro, do giro da folia e da própria celebração no dia da festa.

Esse trabalho busca uma possível resposta geográfica aos processos de memorialidades e identidades como provável constituintes do território festivo. E ao mesmo

---

<sup>1</sup> “Região da Onça” se trata da denominação a um lugar popularmente conhecido pelos jataienses.

<sup>2</sup> Em entrevista o guardião senhor José Abadio de Gouveia, afirma que foi por volta de 1894, que foi feito o voto, e se iniciou a festa.

tempo a compreensão da construção destes elementos inseridos nas práticas de um grupo com um passado em comum.

Inicialmente buscaremos teoricamente em Haesbaert (2001), a compreensão de algumas noções para definir o território, destacando que o mesmo é constituído de três elementos: o jurídico-político, determinado pelo poder geralmente conduzido pelo Estado; o econômico, articulando relações econômicas, classes sociais e as relações capital-trabalho; e o cultural, priorizando “a dimensão simbólico-cultural, mais subjetiva, na qual o território é visto sobretudo como o produto da apropriação/valorização simbólica de um grupo sobre seu espaço” (HAESBAERT, 2001, p. 118). Dessa forma o território se constitui de relações e construções concretas e simbólicas. Ainda em Haesbaert (2001), “o território vai além do simples valor de uso ou troca, estendendo-se pela valorização simbólica, indentitário-existencial” (HAESBAERT, 2001, p. 121).

Bonnemaison (2002) também considera importante o fator cultural na constituição do território, e aponta que “não existe etnia ou grupo cultural que, de uma maneira ou de outra, não tenha se investido física e culturalmente num território” (BONNEMAISON, 2002, p. 97). As memórias individuais e coletivas aqui percebidas também organizam o espaço no tempo da fé, por meio da festa à Santa, apropriando-se do território e proporcionando a ele um formato e sentido simbólico pelos rituais sagrados e profanos desenvolvidos.

Assim, a comunidade que configura a “Região da Onça”, se apossa do território para reafirmar um fato religioso comum a todos, realçando elementos que constituem suas identidades e memórias. Observando que este mesmo território usado pela festa com práticas tradicionais no seu tempo, paralelamente, também é usado pelas atividades “modernas” no campo como a monocultura de grãos, da cana de açúcar, pela pecuária, e também pelas atividades domésticas cotidianas, ou seja, existe em um mesmo momento, um território com diferentes usos e significados.

Ao desenvolver a memória festiva, a vida social dos moradores desta região é marcada culturalmente pela festividade religiosa à Nossa Senhora da Abadia. E, ao materializar o festejo, são inscritos no território elementos significativos por meio da oralidade, dos movimentos dos corpos, da religiosidade, das representações, da tradição, das cores, sons, cheiros, das práticas “antigas” e “modernas” e das estruturas materiais e imateriais. E assim, de forma peculiar, os significados de festejar a Nossa Senhora da Abadia, se delineiam em cada sujeito participante, de forma também perceptível nos depoimentos das entrevistas:

*“É uma das formas além da fé que se tem aqui da região pela Santa, é a própria cultura também. Pra mim o significado de festejar tá entre a fé e a cultura”. Entrevistada H – 21 anos. 2011.*

*“Significa assim, é um momento de alegria, de participação da comunidade, um momento de tá assim junto com os amigos né? Eu acho assim, eu sinto assim, um momento de confraternização”. Entrevistada F. 56 anos. 2011.*

Estes elementos são impressos com muita sensibilidade e nitidez nos fatos e nas atitudes dos sujeitos envolvidos no evento, ocasião em que os guardiões da memória, no tempo da festa recriam a história e a cultura local.

Para Halbwachs (2006),

*A história não é todo o passado e também não é tudo o que resta do passado. Ou, se o quisermos, ao lado de uma história escrita, há uma história viva que se perpetua ou se renova através do tempo e onde é possível encontrar um grande número dessas correntes antigas que haviam desaparecido somente na aparência (HALBWASCHS, 2006, p. 67).*

Neste sentido, quando as memórias guardiãs da história reproduz a festa, buscam no passado uma história viva e em constante perpetuação. No trecho da entrevista abaixo, sobre o significado de festejar a Santa, o entrevistado assimila a importância em manter atualmente a perpetuação da festa, com o voto feito no passado,

*Ah, é muito bom né? Pra nós é um orgulho muito grande, tem muita fé nela mesmo, sempre!*

*Quando fizeram o voto para retirar os índios aqui da região, que os índios moravam aqui na região, e matava gente demais, aí eles fizeram o voto pra se os índios se retirasse, todo ano rezava o terço pra Senhora d'Abadia, e aí eles retiraram, e aí continuou fazendo a festa. E vem sempre cumprindo, rezando o terço pra ela todo ano. Entrevistado E - 70 anos. 2011.*

De acordo com Halbwachs (2006), ao se *reproduzir* a história, tem-se a oportunidade de retratar experiências pela memória, que também pode acontecer em um momento muito especial para aqueles que fazem parte da tradição festiva. Assim, a experiência do voto feito a Santa e sua importância, estão sempre presentes nas memórias dos sujeitos participantes da festividade. Dessa forma, é possível ouvir de vários participantes a história e a origem da festa, confira logo abaixo o depoimento de um entrevistado.

*Segundo o que me contaram, o que meus avós contaram, foi por causa dos índios que existiam na região, então, eles faziam muitas proezas, matavam gado, matavam gente, aí numa certa ocasião aqui na fazenda Rio Doce, aqui pertinho, eles mataram uma família só sobrou uma menina que eles criavam, sabe?*

*E o empregado matou, eles pegaram mataram a esposa, matou os dois filhos, e foram embora. Ele (o marido) foi atrás perseguiu matou um bocado (de índios), então por causa disso surgiu o voto. Fizeram o voto que, se os índios fugissem daqui*

*da região, afastasse daqui da região eles haveriam de rezar um terço pra Senhora d'Abadia, então rezou o terço e aí surgiu a festa, no segundo ano que rezaram o terço aí já fizeram o sorteio, isso foi em mais ou menos 1894, daí pra cá surgiu o sorteio, aí vem dando continuidade até hoje. Entrevistado JAG - 71 anos. 2009.*

E ao *reproduzir* o compromisso do voto, os participantes saudosamente sempre buscam em suas memórias alguns fatos do passado que se perderam ou foram substituídos para atender as demandas dos processos “modernos”, como as tordas (tendas) cobertas com folhas do coqueiro indaiá, dos bancos de madeira, das brincadeiras entre os foliões, dos cavalos no giro da folia, da merenda depois do terço, do som ao vivo durante a festa, etc.

Na concepção de Halbwachs (2006), a memória é uma *reconstrução* social, um artifício coletivo, e por isso a mesma surge a partir das relações existentes nos grupos ou individualmente. Para o autor, o indivíduo só consegue recordar suas lembranças com ajuda de outras pessoas ou de um grupo; mesmo que ele esteja só, ele sempre acessará suas lembranças ligadas a um grupo culturalmente constituído, no qual ele esteve ou está inserido. Constata-se então que o indivíduo constrói suas memórias a partir dos variados grupos, como o grupo familiar, dos amigos, da igreja, do trabalho, entre outros. Dessa forma, a memória tem caráter tanto individual quanto coletivo.

Nessa reconstrução da memória, os sujeitos resgatam fatos que aconteceram e ficaram marcado pela alegria, como as farturas de comidas, as brincadeiras, os bailes, as músicas tocadas ao vivo, os milagres da Santa, e ou também se lembram de fatos desagradáveis, como a retirada da merenda que era servida após o sorteio dos próximos empregos. A maioria dos entrevistados lembram desse fato com muita tristeza. A merenda foi retirada do dia da festa, porque “sujeitos que não eram da Região da Onça” agiram com desrespeito e depredação, ao invadirem a mesa da merenda.

Esse fato foi lembrado quando as memórias foram reconstruídas ao perguntar aos entrevistados se houve alguma mudança no formato (estrutura, organização e participação) da festa desde seu início até hoje.

*Houve alguma mudança, né? Por exemplo, de primeiro a merenda era o doce. Faz trinta anos que eu fiz a festa da onça, da Nossa Senhora d'Badia, trinta anos, foi a última que teve assim como merenda a noite, doce e bolo, porque o povo invadiu de uma certa forma. A gente ficou uns quinze dias só assando bolo e fazendo doce. Ai então já foi uma mudança, né. Nunca mais teve essa merenda a noite. (Essa merenda é servida depois do jantar?). Depois do terço, depois do sorteio, ali por volta de duas horas, aí seria a merenda. Então agora, você faz assim: hora que se estende o mastro, aí você esquenta a comida, carne, e o pessoal come de novo”. Entrevistada I. 2011.*

Um outro interlocutor relata saudosamente uma forma de brincadeira que antigamente, faziam entre os foliões. A brincadeira acontecia quando um folião ganhava, separadamente, algum lanche, como bolo, queijo, brevidade e rapadura. Se, ao ganhar o lanche, não o dividisse com o resto da turma, os demais foliões faziam a brincadeira, que era substituir, na sua bagagem, o lanche por rochas ou estrume de vaca. E, assim que pegavam o lanche, imediatamente era dividido e consumido entre eles, sem o conhecimento do folião que inicialmente ganhou o lanche.

O interlocutor afirma que, se o fato ocorrer atualmente, a brincadeira pode novamente acontecer. Ou seja, buscam em suas memórias, práticas que ficaram arquivadas no passado, trazem de volta porque, em outras épocas os participantes viveram essa experiência e que de alguma forma marcou aquele momento.

O grupo que *reconstrói* anualmente a festa de Nossa Senhora da Abadia, age de forma coletiva ao recordar os aspectos que a constituem, dessa forma seus organizadores ativam as memórias individuais e coletiva sobre a festividade. A memória festiva em questão acontece de forma coletiva, pela experiência de seus participantes, no período em que se realiza a celebração à Santa. É na oralidade que os participantes trazem à tona suas lembranças, e a partir daí os sujeitos procuram materializa-las e vivencia-las, também, como espaço.

A memória coletiva é *reestabelecida* no instante em que a lembrança dos sujeitos organizadores do evento se encontram. Não de outra forma, Halbwachs (2006, p. 41-42) salienta, em relação a memória coletiva, que “esse tipo de atitude mental só existe em alguém que faça ou tenha feito parte de um grupo”. Esse mesmo autor destaca que a memória coletiva é o resultado da fusão das memórias individuais, a partir do momento em que surgem pontos comuns de negociações. Ou seja, as lembranças do grupo são constituídas e pertencentes a todos. Halbwachs (2006, p. 30), aponta que:

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós.

Como a memória está ligada a história e suas experiências, com a festa em estudo não é diferente. Todo o desenvolver do festejo acontece por meio dos fazeres daqueles que se envolvem em sua organização há muito tempo. E a festa vai sendo inscrita espacialmente pelas oralidades entre os sujeitos, que revelam pelas experiências seus saberes e as emoções, vários elementos visíveis e invisíveis que vão se apresentando junto ao e pelo uso do espaço, recriando o lugar festivo.

Assim, as experiências sociais vividas surgem a partir dos movimentos entre tempo, memória, corpo e oralidade, em que “o movimento é o próprio fazer” (GOETTERT, 2008, p. 37). Portanto, o movimento formata o lugar no tempo da festividade. Assim o lugar se torna especial ao *reunir*, num “sentido mais psicológico, nosso corpo, o estado do nosso bem-estar, a imaginação, o envolvimento com os outros e nossas experiências ambientais” (RELPH, 2012, p. 29).

A partir das experiências no espaço vivido, compreende-se que no tempo e espaço da festa de Nossa Senhora da Abadia, as memórias individuais e coletivas são pressupostos importantes e fundamentais para sua reprodução no território. Para Halbwaschs (2006, p. 78), “a memória não se apóia na história apreendida, mas na história vivida”. Assim, os participantes detentores da memória da festa reproduzem o que foi vivido em outros tempos, por eles ou por seus antepassados, porque a memória se prende ao fato que foi vivido.

Pollak (1992, p. 201 e 202), também corrobora essa ideia, e estabelece uma relação entre identidade e memória ao afirmar que existem elementos que constituem as memórias individuais e coletivas, sendo eles “os acontecimentos vividos [...] são os acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade a qual a pessoa se sente pertencer”. Além dos acontecimentos a memória é constituída por “pessoas, personagens”, em que para o autor esses indivíduos podem ter participado ou não dos acontecimentos vividos, mas que se sentem parte do acontecimento e se identificam. E finalmente Pollak (1992) aponta o “lugar” como sendo o último constituinte das memórias - os lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança. Como exemplo o lugar das férias na infância, um lugar de comemoração, os monumentos aos mortos que lembra uma pessoa, locais muito longínquos pode ser importante para uma pessoa ou para um grupo.

Identidade e território aparecem na obra de Halbwachs (2006, p. 143) quando diz que “não há memória coletiva que não se desenvolva num quadro espacial”. Nessa perspectiva, a memória festiva se identifica e *se territorializa* ao criar lugares e momentos sagrados e profanos por meio das relações sociais, de modo que o grupo que a realiza *territorializa* seus eventos numa espacialidade composta por história e identidade.

### **Identidade construída**

A “identidade é construída”, conforme Castells (1999, p. 23). Neste contexto, a festa à Nossa Senhora da Abadia foi se estruturando paralelamente à construção de algumas

identidades. Desde o momento em que surge o voto à Santa para que intercedesse nos conflitos sociais locais da época. A partir de então, os participantes da festa mantêm a tradição festiva ativa, acreditando nas bênçãos e temendo as maldições da Santa. Mas para manter a continuidade da comemoração, são necessários alguns elementos da identidade como o significado simbólico e material da festa para seus participantes, a internalização dos participes por meio das relações sociais e da cultura local, das memorialidades coletivas, dentro da perspectiva da espacialidade e temporalidade.

Os significados sociais e culturais da festa nos levam a entender a formação das identidades também por meio de sua construção relacionada à característica cultural, das relações e práticas sociais essencialmente realizadas no interior da festa. Neste caso, a identidade se constrói a partir de elementos culturais. A cultura por ser um processo dinâmico, conseqüentemente faz da identidade também um processo dinâmico, em que está sempre em “movimento sempre se realizando”, conforme Cruz (2007, p. 15). Pode-se ainda acrescentar à construção das identidades da festa em evidência, outro referencial para o grupo – as memorialidades. Destarte, para Pollak (1992),

*A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLAK, 1992, p. 204). (Grifos do original).*

Durante a festa de Nossa Senhora da Abadia, o pressuposto memória acontece por toda a sua realização, de forma que é um evento totalmente desenvolvido pela oralidade de seus produtores. Os conhecimentos e as experiências são naturalmente recuperados, pronunciados e recriados pela(a) memória(s), desenvolvidas por meio das vivências, obedecendo a forma tradicional de festejar. Nota-se que, pela representação da prática cultural no lugar, os participantes se reconhecem e se identificam com a representação que ali se materializa.

A comemoração à Santa é um símbolo que identifica, ou seja, representa a “Região da Onça” no município jataiense, ela acontece por meio de dinâmicas da estrutura social baseadas na reciprocidade, na religiosidade e profanidade em um espaço tomado pela amizade, compadrio e parentesco. E esses sujeitos produzem e moldam materialmente e simbolicamente o território por acreditarem em um fator de sentido geral para todos os devotos ou participantes - o milagre da Santa ocorrido na “Região da Onça” e adjacências. No tempo da festa, as identidades territoriais, sociais e religiosas, vão se constituindo e se

reforçando, paralelo as realizações dos eventos, de forma que são (re)estruturadas, de acordo com os interesses sociais do grupo.

Bonnemaison (2002), também professa essa ideia com seu estudo sobre território de grupos, ao afirmar que as identidades estão vinculadas a formação territorial, de forma que:

[...] o território apela para tudo aquilo que o homem se furta ao discurso científico e se aproxima do irracional: ele é vivido, é afetividade, subjetividade e muitas vezes o nó de uma religiosidade terrestre, pagã ou deísta. Enquanto o espaço tende à uniformidade e ao nivelamento, o território lembra as idéias de diferença, de etnia e de identidade cultural (BONNEMAISON, 2002, p. 126).

Ou seja, o território é o lugar da vivência, da segurança e da cultura. Haesbaert (1999), também trabalha na perspectiva que a existência da identidade territorial se faz a partir da construção da identidade social. Neste caso em estudo, a festa à Nossa Senhora da Abadia é o símbolo intercessor no território que implica o surgimento e a solidificação das identidades em questão. Ou seja, o território no seu aspecto material, possibilita, em sua dimensão, a produção simbólica, estruturando assim as identidades possíveis de relações sociais. E a produção simbólica constitui a identidade social, por ser composta de subjetividades e pela cumplicidade de seus devotos e participantes. De forma que a organização simbólica é mobilizada e mobiliza todos aqueles que se identificam com ela de forma a induzi-los à sua realização no recorte espacial em que se encontram.

Penna (1992, p. 71), ao tratar as identidades sociais, afirma que se faz necessário considerar “a função política dos sistemas simbólicos”. Entendemos que isso signifique como o grupo se organiza (lideranças) e realiza a festa, de que forma as identidades são representadas, e de que forma as práticas materiais e simbólicas são representadas. Ao descrever o desenvolvimento da festividade entramos nessa tentativa de entender as identidades observadas como um reconhecimento social entre os sujeitos festeiros.

Mas existem outras relações e afinidades presentes com as particularidades da festividade, como os rituais desenvolvidos em cada evento pelas identidades, pelas afetividades sociais contidas nas características locais e regionais; como a própria goianidade presente na culinária, no modo de falar, de agir nas lidas do dia-a-dia e no lazer; nas memorialidades individuais e coletivas que são representadas pela existência da cultura e das práticas sociais, “enquanto manifestações vivas e cheias de significados”, conforme Penna (1992, p. 76). Esses são alguns elementos relacionais percebidos que configuram a identidade social entre os participantes da festa.

A identidade religiosa poderia ser analisada inicialmente pelo tipo peculiar da festa – de culto à Santa ou festa de Santo -, da qual muitos sujeitos participam juntos, pela sua crença comum na padroeira, por acreditarem na sua intercessão junto à divindade maior e consequentemente no seu poder de milagre. Porém a religiosidade dos participantes se estende para fora do período da festa, onde a maioria tem sua religiosidade ligada ao catolicismo institucionalizado e em menor quantidade a religião espírita.

Dessa forma, a religiosidade externa ao ritual festivo, está presente no cotidiano dos participantes da festividade, e outros santos também fazem parte da peleja pela sobrevivência diária – aos quais eles recorrem pedindo bênçãos, saúde, emprego, livramento de algum mal, sucesso em algum projeto, proteção aos animais, boa colheita etc. Para Andrade (2012, p. 191), “Aquele que crê, crê na eficácia protetora do “santo”, é nele que deposita sua esperança”.

Quando questionados se tinham em casa algum objeto que representa a sua religião, todos os entrevistados disseram ter em casa alguns objetos religiosos, como a Bíblia Sagrada, terços, imagens de Nossa Senhora da Abadia, de Jesus Cristo Crucificado e de outros santos, como Nossa Senhora Aparecida, Divino Pai Eterno, São Sebastião, Santa Luzia, São José, São Judas, Nossa Senhora da Guia, Divino Espírito Santo, e outros.

Dessa forma a religiosidade externa ao ritual festivo dos participantes da festa, é também representada por meio das imagens existentes em suas residências. A seguir, objetos religiosos nas residências de alguns dos participantes da Festa de Nossa Senhora da Abadia.

Na Figura 1 se apresenta um oratório instalado num canto da garagem da residência, que demonstra a devoção também à Nossa Senhora Aparecida, ao Divino Pai Eterno, a Santa Luzia e à São Sebastião.

É um espaço adaptado para o oratório, onde se tem a harmonia deste, com as plantas a seus pés e as porções de rochas que ornamentam as paredes. A dona da casa acredita nas proteções dos santos e no poder de sua fé, dizendo que:

*“Já veio ladrão até a porteira, mas, por conta da proteção dos santos, ele votou para trás”. Entrevistada O - 62 anos. 2018.*

Figura 1 – Um oratório na garagem.



Fonte: OLIVEIRA, M. F. (2018).

Para a devota, este oratório está em um ponto estratégico de proteção para a sua propriedade. Na mesma casa, em outros cômodos, a religiosidade também é representada por meio de outros objetos sagrados.

Ainda na mesma casa em um lugar privado, no quarto do casal anfitrião, tem-se ao lado da cama uma poltrona vermelha, em cujo seu assento se encontra uma Bíblia aberta, e havendo também um terço sobre seu encosto. Em frente a essa poltrona, encontra-se um móvel de madeira tipo baú, servindo de altar (Figura 2).

Em sua parte superior sobre um forro de crochê, tem-se duas imagens do Divino Pai Eterno, duas imagens de Nossa Senhora Aparecida, um terço e uma fotografia dos anfitriões. Conforme relatos verbais da anfitriã, o quarto do casal se transforma, por alguns instantes, em um ambiente contemplativo para a oração, momento em que ela e seu esposo praticam, todos os dias a reza do terço.

Na residência de outro entrevistado, o armário de cozinha, na cor bege, recebeu mais uma função que não a sua originalmente primária, que é abrigar utensílios de cozinha (Figura 3).

Figura 2 – O altar no quarto do casal



Fonte: OLIVEIRA, M. F. (2018).

Figura 3 - Vários santos em um armário de cozinha



Fonte: OLIVEIRA, M. F. (2018).

Ganhou aparência de altar e uma vivacidade de cores em sua parte externa, ao receber outros objetos, como os laços coloridos no forro de crochê, diversos bibelôs, fotos de familiares e amigos, um adesivo de Nossa Senhora da Abadia, colado em uma porta, e na outra uma foto da Sagrada Família. Em harmonia, estão dispostos vários quadros com

imagens inscritas de outros santos, que representam outras devoções: Santa Luzia, Nossa Senhora da Aparecida e São Bento.

Como se observa na figura 4, em um outro cômodo da casa, a parede da sala da casa é um espaço para a exposição de imagens de animais (especificamente tigres e cachorros), de imagens da religião (católica) e a família (fotos do aniversário do anfitrião). Como se fosse um altar, bem destacado e com significado de proteção, esta parede é composta por uma imagem central de um quadro religioso, inscrita a figura do Sagrado Coração de Jesus, e traz a mensagem “BENÇÃO DOS LARES”, um propósito para expor que as bênçãos de Jesus Cristo e Maria representados, se fazem presentes neste ambiente familiar. Na parte inferior da imagem vem escrita uma oração, que diz o seguinte: “Rogamos a Deus pai, filho e espírito santo, que se digne abençoar esta casa. Abençoe também os que nela moram, conceda-lhes o melhor dos seus bens, paz divina às suas almas e paz humana na terra”. Para a moradora as bênçãos também se estendem aos que chegam à casa.

Figura 4 - Um altar na sala



Fonte: OLIVEIRA, M. F. (2018).

No lado esquerdo, canto inferior da figura 4, na ponta da mesa da televisão encontra-se outro símbolo da devoção, um pequeno oratório de madeira com a imagem do Divino Pai Eterno - assim Deus é representado pelas três pessoas presentes: Pai, Filho e Espírito Santo. Uma forma de mediar a presença do Divino no lar. O oratório está rodeado por flores artificiais e bibelôs. Há também, um pequeno terço – vendo-se ainda um *tablet* de uma criança

que estava de férias na casa dos avós. Esta parede na foto representa uma territorialidade religiosa católica, pelas várias imagens de santos nela expostas. Os santos disputam os espaços vazios da parede e com quem adentra a casa.

Na figura 5, uma cama de casal no quarto de visitas, expõe a devoção dos anfitriões à São José, por meio de imagens em uma colcha e travesseiros. São José, mais um intercessor de Deus na fé cristã presente em um lar. Quanto às cores do manto do Santo, o marrom simboliza a terra e a madeira, objeto principal que foi sua profissão de carpinteiro<sup>3</sup>. Na ocasião pôde-se assimilar a arte da carpintaria a uma especialidade do morador, que faz móveis e objetos em madeira. Já a paisagem em segundo plano da figura pode se associar ao ambiente de sua moradia que é no meio rural.

Figura 5 - Santo em uma colcha de cama.



Fonte: OLIVEIRA, M. F. (2018).

Essa religiosidade externa à festa, se reproduz também durante o processo de sua produção, estando a religião “católica popular” (Rosendhal, 2005), representada por meio das relações com o sagrado durante os eventos da festividade como: a saída da folia, na realização do giro da folia, e no dia da festa.

Nestes eventos a maioria dos sujeitos participantes praticam rituais sagrados do catolicismo, momento em que torna-se visível suas emoções, por meio de ações e linguagens corporais como: se benzer-se frente à Santa, beijá-la, reverenciá-la, realizar rezas e os cânticos

<sup>3</sup> Santos e Ícones Católicos. São José. <<http://cruzterrasanta.com.br/historia-de-sao-jose/20/102/#c>>

específicos, o fazer e o pagar promessas. Por essas características comum a muitos sujeitos, se considera a coesão religiosa que o sagrado exerce sobre eles. A comunidade festeira age em nome da crença e da moral religiosa, em que se faz necessário cumprir com o voto feito à Santa, por sua vez, os atendeu no momento de aflição.

E a moral religiosa por sua vez se transforma em experiência religiosa. Na análise de Durkheim (1996), é a sociedade que compõe a experiência religiosa. Ele afirma que, para acontecer a religião, é necessário que no grupo tenha afinidades e uma coletividade que consequentemente gera identidade. Quando os indivíduos se reúnem e agem em comum, o ato se afirma. E, no caso em estudo, ao afirmar-se a experiência religiosa se reafirma, durante encontros anuais no território da festa.

Ainda com o referido autor, “as forças religiosas, portanto, são forças humanas, forças morais” (DURKHEIM, 1996, p. 462). E é essa experiência em sociedade que faz seus sujeitos constituintes tomarem consciência de si, ao se fixarem em um objeto exterior, no caso em estudo, a padroeira Nossa Senhora da Abadia, que se tornou sagrado para a comunidade festeira. E a força religiosa é o sentimento gerado por meio da coletividade e das identidades dos sujeitos devotos.

### **O território festivo e suas inter-relações**

As inter-relações durante as territorialidades dos eventos da saída da folia, do giro da folia e da festa, transformam esses momentos em condutores de energia simbólica divina e de práticas profanas, e com isso a eficácia de atrair público e vincular ainda mais os sujeitos à tradição. Estes eventos trazem, em seu desenvolvimento, momentos de sacralidade, que, para o religioso, é uma ocasião de se aproximar do mundo transcendental, de se relacionar com Deus.

Dessa maneira, o público é atraído pelas memórias e identidades cultural, religiosa, social e territorial, pelas trocas simbólicas e pelas práticas realizadas pelo grupo. Ou seja, quando os sujeitos participam daquilo que é pertencente, como a festa tradicional, eles se sentem mais do lugar, por meio dos valores religiosos e de suas vivências.

Estes eventos em comemoração à Santa são movimentos vividos pelas articulações do mundo subjetivo e concreto; ambos acontecem por meio da cumplicidade de seus participantes em sua contextualização no espaço-tempo. As identidades religiosa, cultural, social e territorial, vem se evidenciando desde o momento em que se constituiu um fato

histórico (a festa) na região, atrelado às relações de apropriações do território e ao mesmo tempo agregando-se a este - uma “valorização simbólica”, conforme Haesbaert (1999). De forma que, no território da festividade, essa valorização simbólica se apresenta com nitidez por meio das práticas, das relações sociais e das ações sagradas e profanas.

E assim cada identidade vai se formatando frente às outras identidades também inseridas no território festivo. Ou seja, é por meio das relações e do identificar-se ou não com algo de forma objetiva ou subjetiva que as identidades vão se estruturando. Na construção da identidade por meio das relações sociais os diálogos acontecem em busca do reconhecimento frente as diferenças, “pois é no encontro ou no embate com o Outro que buscamos nossa afirmação pelo reconhecimento daquilo que nos distingue [...]” (HAESBAERT 1999, p. 175).

As identidades sociais, territoriais, religiosa e cultural são construídas no tempo e espaço da festividade por meio da seleção de reconhecimentos e integração e da diferença de alguns atributos relacionados as essas identidades. Desse modo, os sujeitos participantes dão sentidos as identidades pelas formas que reproduzem a relação social com o espaço, sendo elas relacionais e conflituosas. Em relação ao processo de identificação e construção das identidades, Cruz (2007 p. 17) aponta que, são construídos “na e pela diferença e não fora dela [...]”.

Isso faz da identidade um processo relacional e ativo, sempre em constante mudança, definido pela diferença. Pode-se exemplificar com os sujeitos ex-devotos a Nossa Senhora da Abadia, que deixaram de participar dos momentos religiosos dos eventos da festa, porque estes agora são da religião protestante. Mas esses momentos religiosos são também usufruídos por sujeitos de outros lugares que se identificam com a religião naquele momento. Cruz (2007, p. 17) afirma que “nenhuma identidade é auto-referenciada em sua positividade”, ou seja, o seu significado é determinado pelo processo da diferença. Dessa forma, as identidades são construídas pelas inserções e eliminações do grupo, ao mesmo tempo em que o grupo é identificado e diferenciado dos demais.

Ainda em relação à identidade e à diferença, Silva (2009, p. 81) considera que elas são “o resultado de um processo de produção simbólica e discursiva”. Assim, elas se desenvolvem de forma desproporcional e não convivem harmoniosamente, sendo sujeitas a “vetores de força, a relação de poder”, disputadas por seus representantes no grupo em que estão inseridas. O resultado da disputa define o grupo e garante o acesso “privilegiado aos bens sociais”, de forma que a identidade é afirmada e a diferença é expressa. Nesta conjuntura,

quando o grupo festeiro (re)afirma suas identidades no tempo-espaço da festa, busca para si o reconhecimento social e cultural em que estão inseridos na “Região da Onça”, mantendo sua visibilidade tradicional reconhecida e respeitada principalmente em relação aos “outros”.

### **Considerações**

- O território da festa é formado a partir da integração de elementos materiais e imateriais, que são inerentes das identidades e memórias permeadas pelo sentimento de pertencimento dos sujeitos envolvidos no evento. Em acordo com Pollak (1992) a memória entre outros elementos constitui o sentimento de identidade, dessa forma a memória contribui para continuidade e reconstrução do grupo em si.
- E é nesse contexto de pertencimento, nos encontros dos sujeitos no território, que evocam-se as memorialidades individuais e coletivas (HALBWACHS, 2006), num processo dinâmico e formador das identidades. Logo, identidade e memória são processadores da coesão humana, da organização e da história do grupo festeiro, que tem em comum uma referência simbólica, a qual se justifica igualmente pela crença a Nossa Senhora da Abadia.
- Esses sujeitos, em sua maioria, conhecem e participam da comemoração à padroeira desde que eram crianças ou adolescentes, ou, então, tem de 30 a 50 anos de participação. Receberam como herança imaterial a tradição centenária de seus pais, parentes ou conhecidos que participam da celebração. O ritual cíclico naturalmente acende a ininterruptão da tradição que está diretamente ligada ao seu histórico, sem se descuidar das interferências “modernas”.
- E assim se formam os guardiões da memória religiosa e profana, que produzem e organizam o sistema festivo a eles pertencentes, de forma que transmitem os saberes aos aprendizes de maneira informal, onde cada sujeito no seu tempo se insere espontaneamente no evento, e recebe pela observação e envolvimento sua função. Não existem manuais e livros para o aprendizado do saber religioso popular. De acordo com Brandão (1981, p. 165), “[...] o limite do saber da crença e da prática é o da memória que existe nas pessoas ou, entre elas”. Assim o grupo cria e preserva um sistema de relação social e espiritual entre os participantes e a Santa, por meio da interação, da coletividade e da reciprocidade.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Solange Ramos. O culto aos santos: a religiosidade católica e suas hibridações. *In: MARIN, Jéri Roberto. (org.). Religiões e identidades.* Dourados: Ed. UFGD, 2012. p. 187-204.
- BONNEMAISON, Joel. Viagem em torno do território. *In: Correa R. L.; ROSENDAHL, Z. (org.). Geografia cultural: um Século (III).* Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002. p. 83-131.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Sacerdotes de Viola: Rituais religiosos do catolicismo popular em São Paulo e Minas Gerais.* Petrópolis: Vozes, 1981. 182 p. Disponível em: [www.apartilhadavida.com.br/wp-content/uploads/2017/03/sacerdotes\\_viola.pdf](http://www.apartilhadavida.com.br/wp-content/uploads/2017/03/sacerdotes_viola.pdf). Acesso em: 07 out. 2012.
- CASTELLS, M. *O poder da identidade.* Tradução: Klauss Brandini Gerhardt. 2.v. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- COELHO, Damiana Antonia; BICALHO, Poliene Soares dos Santos. Caiapó do Sul: a história de um povo indígena de Goiás. *Revista Espacios.* Vol. 37, n. 17, 2016. p. 07. Disponível em: <http://www.revistaespacios.com/a16v37n17/16371707.html>. Acesso em: 19 out. 2017.
- CRUZ, V. C. Itinerários teóricos sobre a relação entre território e identidade. *In: BEZERRA, A. C. A. (Org.). Itinerários Geográficos.* Niterói: EdUFF, 2007. p. 13-35.
- DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália.* Tradução Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 4ª tiragem (2009). 1996.
- FRANÇA, Basileu Toledo. *Pioneiros – Romance histórico da fundação de Jataí e contribuição ao estudo do povoamento de Goiaz.* 4º reimp. Goiânia: UFG. 1995. 344 p.
- GOETTERT, Jones Dari. O espaço e o vento: olhares da migração gaúcha para Mato Grosso de quem partiu e de quem ficou. Dourados, UFGD, 2008. 488 p.
- HAESBAERT, Rogério. Identidades territoriais. *In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org.). Manifestação da cultura no espaço.* Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p.169-190.
- HAESBAERT, Rogério. Território, cultura e des-territorialização. *In: Rosendahl, Z. (org.). Religião, identidade e território.* Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001. p.115-144.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva.* Tradução: SIDOU, de B. São Paulo: Centauro, 2006. 224 p.
- PENNA, M. *O que faz ser nordestino: identidades sociais, interesses e o "escândalo" Erundina.* São Paulo: Cortez, 1992.

PINTO JUNIOR, Rafael Alves. *Viver no sertão: fazendas do sudoeste de Goiás*. Curitiba, CRV, 2015. 472 p.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n.10, p. 200-212, jul.1992. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941>. Acesso em: 3 abr. 2017.

RELPH, E. Reflexões Sobre a Emergência, Aspectos e Essência de Lugar. In: MARANDOLA JR., E. (Org.). *Qual o espaço do lugar? geografia, epistemologia, fenomenologia*. São Paulo: Perspectiva, 2012, pp. 17-32.

ROSENDAHL, Zeny. Território e territorialidade: uma perspectiva geográfica para o estudo da religião. In: ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICALATINA, 2005, São Paulo. [...] São Paulo: Universidade de São Paulo, 20-26 mar. 2005. Disponível em<<http://www.observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal10/Geografiasocioeconomic a/Geografiacultural/38.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2012.

SILVA, T. T. da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. da. (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SOUSA, Patrício Pereira Alves de. As geo-grafias da memória: o lugar festivo como biografia espacial. *RA'E GA - o espaço Geográfico em análise*, Curitiba, n. 20, p. 81-93, dez. 2010. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/raega/article/view/20613>. Acesso em: 19 ago. 2016. <http://dx.doi.org/10.5380/raega.v20i0.20613>.